

## 60 ANOS DO GOLPE



☉ me dei conta da existência daquilo com as leituras sobre os Estados Unidos. Me lembro das coisas que o Gilberto Freyre me contava quando éramos muito moços, que tinha assistido a uma espécie de linchamento, de execução de negros no sul dos Estados Unidos. Ele me contou isso por volta de 1920.”

“Bem, havia algumas circunstâncias divergentes (no Brasil). O meu motorista, por exemplo. Ele é preto e a mulher dele é descendente de alemães. (...) Uma vez ele chegou em casa muito queixoso, porque tinha sofrido humilhação em uma confeitaria em Copacabana. Ele estava com uma mulher e os dois filhos e o sujeito botou ele para fora e deixou a família lá dentro. Eu disse a ele: ‘Eu vou resolver o seu problema até o fim de semana.’”

Então, eu fiz o projeto (de tornar discriminação racial crime) e apresentei na Câmara. O projeto passou com rapidez enorme. (...) Eu tinha um grande amigo no Senado, o professor Aloysio de Carvalho Filho. Eu telefonei para ele e perguntei: ‘Você viu o projeto que eu apresentei na Câmara? Eu que-

ria que você acompanhasse e dissesse o que você achou’. Ele disse: ‘Não vai sofrer emenda nenhuma. Estou só te dizendo que é ruim, vai ficar mal redigido, mas eu apoio inteiramente e não sofrerá emenda nenhuma’. O presidente Vargas não queria sancionar e disse ao Negrão de Lima (ministro da Justiça): ‘Esse rapaz da UDN está fazendo magia às minhas custas. (...) Vou deixar passar uns 10 dias e o projeto sai promulgado pela própria Câmara’. O Negrão falou: ‘Presidente, o senhor já pensou nas consequências de um presidente populista se recusar a assinar esse projeto de lei?’. Então, ele (Vargas) pensou (...) e assinou.

O pessoal do PTB deu o nome: Lei Getúlio Vargas, porque ele tinha promulgado a lei.”

“Eu não me importei muito com aquilo, mas aí começaram os protestos. (...) O Osório Borba (político e jornalista) escreveu um artigo furioso, protestando contra aquela mistificação de ser uma Lei Getúlio Vargas. A Raquel de Queiroz escreveu uma crônica no *Diário de Notícias* dizendo que a lei deveria se chamar

Lei Afonso Arinos. Foi a Raquel que deu um nome.”

## ● Deposição

Arinos revela pressão de Carlos Lacerda e do brigadeiro Eduardo Gomes para ele propor o impeachment de Vargas, rejeitado em plenário, em 1954

**IMPEACHMENT.** “Eu disse para eles (partidários durante uma reunião de bancada): ‘Liderar não é imprimir direções, liderar é exprimir direções. O líder é aquele que é capaz de aprender e de exprimir a ideia predominante no partido’. Mas eu resisti a tudo isso. Por exemplo, o Lacerda (Carlos Lacerda, jornalista e membro do partido) queria, por força, que eu convocasse o Congresso, mas eu só faria isso se o governo tomasse alguma atitude que fosse ameaçadora. O Lacerda fez pressões tremendas sobre mim, e o jornal dele me atacava todo dia (referência à campanha pelo impeachment de Getúlio Vargas, cujo impedimento foi rejeitado em 1954).”

“Então, sofri muitas pressões, injustiças. No dia do impeachment, fiz um requerimento (pedindo o impeachment de Vargas) que o brigadeiro (Eduardo Gomes) tinha me instruído a fazer. Quando apresentei o meu pedido de renúncia, Artur Celso, que era presidente do partido, foi à tribuna e disse: ‘O líder apresentou o requerimento pedindo a sua renúncia.’”

## ● Operação

Ex-chanceler conta da movimentação dos EUA para convencer o Brasil a não reagir à tentativa de deposição de Fidel, em 1961; operação militar não teve sucesso

## INVASÃO DA BAÍA DOS PORCOS.

“(Adolf Berle, diplomata americano) Veio me consultar sobre isso (operação de deposição de Fidel Castro por meio da invasão da Baía dos Porcos, em Cuba) e pedir o nosso compromisso de não intervir ou reagirmos. Ele era o homem que Kennedy (John Kennedy, presidente americano de 1961 a 1963) confiava para a América Latina. Ele disse que eles iam tomar providências que seriam duras. Mas que não seriam iniciadas em Cuba.”

“O Kennedy foi o ditador da liberdade. Eles iam procurar um incidente até afastar o Trujillo (Rafael Trujillo, ditador da República Dominicana que foi assassinado em 1961) e o Duvalier (François Duvalier, ditador haitiano conhecido como Papa Doc). Eles queriam nos comunicar isso e saber quais seriam as nossas reações. Ele não chegou a dizer: ‘Queremos que vocês nos apoiem’. Mas disse que queriam nos prevenir com a devida antecedência, esperando que tivéssemos uma reação amigável.”

“Então, eu disse: ‘Não posso lhe responder, porque eu não sou o presidente. Mas posso lhe dar a minha opinião’. E ele disse: ‘A sua opinião é importante’. É claro que eu não podia prever aquele desfecho.”

“Eu disse: ‘Essa iniciativa não vai ser bem recebida pelos países mais importantes da América Latina, porque isso é uma intervenção. E, na medida que for uma intervenção contra os fracos, vai preparan-

## ● Jânio

Afonso Arinos descreve como foi feita a escolha da UDN de apoiar Jânio Quadros, candidato pelo PTN, e o temor do ex-presidente de ser traído pelos udenistas

do a intervenção contra os mais fortes.”

**CANDIDATURA A VICE.** “Não foi contrário, mas não tive nenhuma participação no lançamento do nome do governador de São Paulo, Jânio Quadros (à candidatura na eleição presidencial de 1960, pelo PTN). O partido vislumbrou na personalidade dele – até então muito pouco contestada, muito pouco discutida e quase que unanimemente reconhecida e apoiada pelo governo que ele estava fazendo em São Paulo (governou de 1955 a 1959) – uma oportunidade de ter uma posição representada no poder, embora, por ser um homem que não fosse dos seus quadros, o partido achava que o Jânio exprimia o essencial das suas atitudes. Até lembro uma frase muito grosseira que eu disse sobre o Jânio, que eu não gostaria que O Estado de S. Paulo publicasse: ‘O Jânio era a UDN de porte.’”

“Mas um dos elementos principais da candidatura Quadros foi o Lacerda (Carlos Lacerda, jornalista e membro da UDN). E, depois, o dispositivo de comando udenista apoiou a indicação do Jânio, apesar da resistência de uma certa ala, que tinha sido, vamos dizer, tendente à aproximação com o Getúlio Vargas e com o Juscelino Kubitschek.”

“O Juracy (Magalhães, ex-governador da Bahia), que é um homem que representava muito bem as posições udenistas, reuniu essas resistências da UDN (...) e foi o candidato contra Jânio na convenção. E eu, como líder, sustentei na convenção a candidatura do Jânio, mas ela já estava vitoriosa. O Jânio, entretanto, não tinha muita confiança no partido. E eu fiquei surpreso, sabe?”

“Sei que foi uma convenção entusiástica. Foi preciso tomar cuidado para que o Juracy não ficasse magoado. Mas ele procedeu muito bem. Depois da convenção, me disse: ‘Eu fiz aquilo que me pareceu conveniente. Você sabe que a UDN é como se fosse nossa filha. (...) E eu estou vendo que ela vai casar mal. Ela vai fazer um casamento pouco conveniente. Então, eu sou como um pai que está preocupado com o casamento da filha.’”

## ● Vice

Arinos fala que Jânio apoiou a candidatura de Fernando Ferrari a vice, o que teria tirado votos do candidato da UDN e favorecido a vitória de João Goulart

“Foi a UDN que indicou o Milton Campos (ex-governador de Minas Gerais) para competir como vice (os cargos de presidente e vice eram disputados separadamente). (...) O que o Jânio teria feito foi facilitar a candidatura do Fernando Ferrari (candidato do Partido Democrata Cristão). Ele tinha uma certa admiração pelo Ferrari. Era um rapaz moço com ligações no movimento trabalhista de forma independente a Vargas. (O Ferrari) Tirou votos do Milton (João Goulart acabou eleito e assumiu com a renúncia de Jânio, em 1961).” ●